

MAKING DIGITAL LEARNING DEMOCRATIC: COMO AS TECNOLOGIAS DEMOCRATIZARAM O ACESSO AO APRENDIZADO DA LÍNGUA INGLESA

Jacqueline Lopes de Oliveira Costa¹
Wilson Cesar Schenato²

RESUMO

Durante o período da pandemia de COVID-19, os ambientes sociais principais envolvidos diretamente no ensino- aprendizagem, como a família, a escola e a sociedade, sofreram inúmeras alterações nesses processos. Com a finalidade de evitar comprometimentos com relação à aquisição do aprendizado, de forma a manter o interesse, o engajamento e a participação dos alunos, os docentes se viram desafiados às novas propostas educacionais - voltadas para os multiletramentos - que consideravam as tecnologias de comunicação e informação como essenciais para a elaboração, a abordagem e a aplicação das aulas nesse contexto, tornando-as mais acessíveis e práticas, já que poderiam ser acessadas de qualquer lugar, por qualquer pessoa. Assim, o presente trabalho tem como objetivo apresentar uma análise do ponto de vista docente, do processo de ensino de inglês em turmas iniciais de fundamental II, considerando a tecnologia de comunicação e informação como fator influenciador na aprendizagem durante o primeiro trimestre de 2023, período pós-pandêmico, em uma escola particular do Rio de Janeiro. Para tanto, além da pesquisa bibliográfica que considerou como arcabouço teórico Alfred North Whitehead (1967), Douglas Brown (2007), Bill Cope (2012), Mary Kalantzis (2012), Lynn Mario Menezes de Souza (2011) e Simone Batista da Silva (2012), a pesquisa exploratória nos permitiu analisar do ponto de vista docente o que vem ocorrendo atualmente nas salas de aula durante as aulas de Inglês.

Palavras-chave: Ensino de Inglês, Processo de ensino-aprendizagem, Multiletramentos, Tecnologias de Comunicação e Informação.

INTRODUÇÃO

Marcada pelo início do século XXI e ampliada por uma necessidade - a pandemia do COVID-19, um novo processo educacional conhecido como educação 4.0 tomou a frente com relação aos modelos de ensino-aprendizagem utilizados ao longo dos últimos tempos, onde os professores - instrumento de transferência de conteúdo e saber ocupavam salas de aula com a linearidade dos conteúdos e formalidade das aulas, atendendo à exigências estruturais e pedagógicas para o desenvolvimento do saber conteudista.

Entretanto, no contexto pós-pandêmico, encontramos novas exigências educacionais expandidas principalmente pelos meios tecnológicos e eletrônicos que tanto fizeram durante este período: redes sociais, aplicativos e plataformas que tomaram a internet e a vida de todos,

¹ Pós-graduanda no Curso Lato Sensu em Educação e Diversidade do Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC – SC., jackielopesoliveira@email.com

² Professor orientador. Doutor. Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC – SC., vil_son@yahoo.com.br

principalmente das crianças e dos jovens. O ensino online tornou possível o enfrentamento desse período trazendo para a sala de aula - online, e atualmente física - meios e métodos de aprendizagem mais dinâmicos, ativos e coletivos, principalmente para os estudantes com deficiência que passaram a ter mais aproximação aos materiais, atividades e conteúdos de maneira mais acessível conforme cita BURGSTALLER (2012): “Online learning made it possible for many students with different kind of disabilities to access classes and learning materials that were once out of reach or difficult to obtain”.³

Desta maneira, a educação 4.0 volta-se para a conexão com os estudantes, para o desenvolvimento de habilidades e competências dos alunos e, conseqüentemente, para a democratização do conhecimento, estimulando autonomia e segurança, além de orientá-los quanto à busca por suas próprias respostas e desenvolvimento crítico.

1. DEFININDO O PÚBLICO

Nascidos após o boom da Internet (a partir de 1994), os alunos, denominados “nativos digitais”, alcunha de PRENSKY (2001) - pertencentes às denominadas - gerações Z e Alpha - possuem habilidades e características que os tornam automaticamente familiarizados às questões tecnológicas, o que os torna mais integrados à aprendizagem online aumentando seu interesse e engajamento e, como resultado, seu próprio desempenho e sua possibilidade de expansão de conhecimento.

A revolução digital e a globalização permitiram que estivéssemos interconectados em mundos não tão distantes, ou longe a uma pequena distância de tela, e assim, pudéssemos descobrir recursos que viessem a atender as demandas de aprendizagem da contemporaneidade através de perspectivas diversas que nos permitissem desenvolver, ampliar e resolver carências pedagógicas que as práticas pedagógicas até então difundidas não mais atendiam ou respondiam. Para isto, novas disposições e muitas desconstruções se fazem necessárias para atender as diversidades e reconfigurações do ensino e da aprendizagem em Língua Inglesa que estão vivos e literalmente, ativos cita o filósofo WHITEHEAD (1929) no prefácio de sua obra “*The Aims of Education and Other Essays*”:

The students are alive, and the purpose of education is to stimulate and guide their self-development. It follows as a corollary from this premiss, that teachers should be alive with living thoughts.⁴

3 Tradução livre: “The phenomena of growth cannot be hurried beyond certain very narrow limits.” (p. 34)

4 tradução livre: os alunos “(...) têm a capacidade de buscar conhecimento online ou através de outros alunos ou especialistas, pais e membros da comunidade (...)”

Como característica nata desta geração digital, dominante quanto à informação, se torna visível que a estrutura linear de aula, na qual o professor participa como detentor do conhecimento e o aluno como receptor não atende mais às demandas do aprendizado, hoje, sensível à tecnologia, onde PRENSKY (2001, p.1) ressalta que (...) nossos aprendizes mudaram radicalmente. Os alunos de hoje não são mais o público-alvo para quem nosso sistema educacional foi desenvolvido (...) e, logo sejam capazes de estar e sala de aula estarão aptos a se ambientar do espaço escolar dentro e fora da sala, de maneira autônoma quando considerado principalmente, o letramento tecnológico, presente em todo e qualquer lugar e momento, já que, parafraseando Alfred Whitehead (1967): “O fenômeno de desenvolvimento não pode ser acelerado com limites muito estreitos⁵” (p. 34). Hoje, os alunos querem ver acontecer: experimentar, falar, vivenciar. O cotidiano e as vivências os movimentam, não há espaço para a linearidade, para morosidade, para regras e temas impostos e já postos, para a gramática fragmentada: os jovens querem aprender para entender a si e o mundo, para competir, viajar, se comunicar, tomar decisões de maneira independente e... viver. Atualmente, aprender um idioma (nesse caso específico, o Inglês) se tornou mais uma oportunidade de experimentar o mundo, as culturas, de vivenciar as ocorrências, os lugares, as experiências ao mesmo tempo que desenvolvem habilidades e ganham acessibilidade e voz no mundo, voz esta que os permitirá buscar o conhecimento e desenvolver a cidadania e a capacidade crítica.

Em Formação Desformatada: práticas com professores de língua inglesa, Lynn Mario Trindade Menezes de Souza (2011, p. 279) elucida que os alunos 4.0 buscam se tornar protagonistas de sua própria aprendizagem: “o que se enfatiza aqui é a produção e busca de conhecimento; o que se valoriza mais é a capacidade de buscar conhecimento” além, também, da habilidade dos alunos de aprender, selecionar e compartilhar, de maneira multimodal, participativa, ativa, criativa, individualizada ou coletiva tornando a aprendizagem significativa, como afirmam KALANTZIS & COPE (2012, p. 11), sobre os estudantes: “*have the capacity to source knowledge online or from other students or from experts, parents and community members*”⁶

2.1 SOBRE O ENSINO DE INGLÊS E O PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA NO BRASIL

5 A aprendizagem online tornou possível que muitos estudantes com diferentes tipos de deficiência pudessem acessar materiais de aprendizagem que uma vez eram difíceis de obter.

6 Os alunos estão vivos, e o propósito da educação é estimular e guiar o desenvolvimento pessoal deles. Isto é como um resultado de uma premissa, que os professores devem estar vivos e com pensamentos vivos também.

Pensar o professor de língua estrangeira no contexto brasileiro é perceber que existem ainda inúmeros desafios a serem enfrentados, principalmente se considerarmos todo o processo de formação desse profissional ao longo da história do processo de ensino de língua estrangeira no Brasil. Desta maneira, se faz necessário regressar a alguns momentos históricos e de grande importância para o ensino de Inglês no nosso país.

Aprender uma língua estrangeira não se faz como atividade simples: sobrepõe-se aos valores pessoais, transpõe dificuldades e desentendimentos que acontecem ao longo do processo entre línguas e engendra interações e exposições que podem não ser o foco dos envolvidos. Entretanto, para os que se habilitam, a aprendizagem tende a se tornar mais fluida, múltipla e interativa, permitindo trocas, experimentações e pluralidade entre os envolvidos e principalmente, na relação entre a língua materna e a segunda língua como indicou WHITEHEAD (1929, p.3) *“Interest is the sine qua non for attention and apprehension”* - em tradução nossa: “O interesse é indispensável para atenção e compreensão”, e, assim, bem como, para o aprendizado.

Inicialmente com a função de proporcionar o desenvolvimento da cultura geral e das associações sociais, religiosas e políticas as línguas estrangeiras possuíam grande importância no contexto social já que permitiam o ingresso nas universidades e a exposição do erudito - considerando que as línguas aprendidas faziam parte do que eram consideradas as línguas clássicas como latim e grego, também denominadas línguas de cultura, à época do Diretório de Marquês de Pombal (1758). Com a criação do Colégio Pedro II (1837) as línguas estrangeiras modernas - o Inglês, foco deste artigo - foram reconhecidas e introduzidas oficialmente nos currículos escolares como disciplinas e lecionadas sob a ótica da Literatura e da leituras e habilidades linguísticas dos estudantes.

A partir da instituição da República e da Reforma de Capanema em 1942, as aulas de línguas estrangeiras passaram a ser reduzidas em tempo e aplicabilidade. Este período coincide com meados da Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945) que evocou os Estados Unidos como grande potência mundial, tornando o Inglês idioma referência de sucesso e influência ao longo dos próximos 30 anos, quando através da Lei de Diretrizes e Bases de 1961 retirou como obrigatoriedade o ensino de LE⁷ tornando de responsabilidade do Estado tal decisão. Desde então o ensino aprendizagem de Inglês nas escolas tem sofrido principalmente com relação ao conceito historicamente pré-estabelecido de que “não se aprende Inglês na escola”, seja por precariedade ou despreparo dos profissionais ou dos

7 Língua Estrangeira.

estabelecimentos de ensino que tornam a língua inglesa uma atividade malsucedida, elitista ou fadada ao fracasso escolar:

Infelizmente as aulas de Inglês parecem consistir numa possibilidade a mais de fracasso escolar. Ao invés de dar voz aos aprendizes, confrontá-los com aulas de inglês pode parecer uma outra forma de dizer-lhes, que há, ainda, mais uma coisa que eles não sabem. (SILVA *apud* LONGARAY 2009, p.33).

Os anos 90 foram marcados pela globalização e pela chegada da internet no Brasil. Especificamente no ano de 1996, o ensino de Inglês se tornou obrigatoriedade a partir do sexto ano do fundamental I (antiga quinta série) pela LDBEN - Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. De acordo com o artigo 26, parágrafo 5, ficaria a cargo da comunidade escolar junto da possibilidade da instituição de ensino obrigatoriamente ensinar uma língua estrangeira moderna como disciplina obrigatória e outra como optativa (com preferência para o espanhol) para que os estudos de línguas estrangeiras fossem considerados eficientes e se equiparassem com o que era buscado pela sociedade à época: conhecimento para adequação e preparo ao mercado de trabalho; foi quando ocorreu o *boom* dos cursos de Inglês e a elitização do aprendizado já que os valores eram altíssimos e as burocracias enormes, impossibilitando que todos tivessem o acesso digno ao aprendizado do idioma. Em 1998, com os PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais as habilidades orais, a comunicação e a oralidade, ou *speaking* de acordo com o *LSRW concept*⁸ enfatiza sobre o uso do Inglês com uso para a realidade, que promova o desenvolvimento considerando as vivências do aluno; o que foi assegurado pela PCN de 1998 que enfatizou o aprendizado de Inglês como uma habilidade social, de construção de conhecimento mas também como mantenedora dos aspectos sociais, culturais envolvidos nessa relação de aprendizagem.

Quase 20 anos depois da última alteração nos documentos que legislam sobre o ensino da Língua Inglesa em nosso país, surge a lei 13.415/17, conhecida como a 'Reforma do Ensino Médio' que prevê que não somente o ensino médio, mas também o ensino fundamental ofertem obrigatoriamente o Inglês (e outra língua estrangeira a verificar a disponibilidade da instituição de ensino) a partir do sexto ano com a proposta de incentivar as trocas sociais utilizando-se de pesquisas, projetos e metodologias que certifiquem essas trocas e, progressivamente o aprendizado, como segue: artigo 24, parágrafo 5º “No currículo do ensino fundamental, a partir do sexto ano, será ofertada a língua inglesa” e artigo 35 - A parágrafo 4º:

Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo,

⁸ LSRW é um conceito proposto por J. A. Bright no qual o aprendizado da língua inglesa deve ser avaliado em quatro habilidades: *listening, speaking, reading* e *writing*.

preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino.

2.2 Definindo o ensino-aprendizagem de língua estrangeira

Entendendo a educação como um processo de desenvolvimento humano em diversos aspectos permeada por instituições sociais (sociedade, escola, casa) que a influenciam direta e indiretamente, se faz possível analisar que o aprendizado de língua estrangeira funciona como um grande experimento social no qual a comunicação é de extrema importância para o desenvolvimento e crescimento da língua.

Toda aprendizagem de uma língua demanda atenção, energia, boa-vontade e curiosidade, itens que os alunos têm de sobra, principalmente entre jovens conforme cita WHITEHEAD (1929, p. 47) (...) *pupil's mind is a growing organism* (...) em tradução nossa, (...) a mente de um aluno é um organismo em crescimento (...) - e, de fato, a ativo e em constante adaptação. Whitehead (1929) é enfático ao afirmar que possuímos estágios de crescimento mental nos quais os estudantes se relacionam de diversas maneiras entre eles. Tais estágios são *romance, precision and generalization*, respectivamente, romance, precisão e generalização (tradução nossa).

O estágio ou ciclo do romance se estabelece com o processo de descoberta do aluno frente ao idioma, quando o aluno se utiliza do seu *background*⁹ para entender o espaço no qual se encontra, é aquele primeiro contato repleto de curiosidade e de exploração livre, para conhecimento e reconhecimento de si, de suas habilidades e do espaço; enquanto isso, no estágio de precisão, após o reconhecimento, a organização, a disciplina, a ordem se fazem necessárias - este é o ponto onde a teoria encontra o pré-conhecimento do aluno, onde ele consegue estabelecer a relação estrutural da língua (da teoria com a prática, em uso guiado. como em exercícios escritos, por exemplo) e a generalização se dá quando o que foi

O aprendizado consegue ser colocado, de fato, em prática, quando as ideias se tornam relevantes, quando podem ser reconhecidas, classificadas, quando há a aplicação na realidade do próprio aluno - isto é, quando a técnica se torna refinada, apurada mas ao mesmo tempo sutil, fluído. À vista disso, somente dominamos um idioma a partir do momento em que esse ciclo de aprendizagem se completa, no que a linguagem se torna o objeto de expressão e interação através de histórias, narrativas, memórias: quando finalmente nos aproximamos do poder de ilustração e da sensação de familiaridade com o objeto de conhecimento - conforme reitera WHITEHEAD (1929, p. 19): *“Education should consist in a*

⁹ conhecimento prévio, contexto, antecedentes.

*continual repetition of such cycles*¹⁰ e *“As he nears the end of the great romance the cyclic course of growth is swinging the child over the aptitude for exact knowledge”*¹¹ (p. 22).

Entretanto, atualmente, no contexto pós-pandêmico a educação e o ensino de línguas tem sofrido interações a cada momento pois as expectativas e propósitos vem mudando ao longo dos anos de forma rápida e porque os estudantes do meio contemporâneo são multimodais e digitalmente letrados o que torna a aprendizagem do Inglês acessível quando inserida e adaptada em contextos tecnológicos mas nem por isso menos desafiadora ou ágil. (BLAKE, 2008, p. 1) diz que (...) *the process of learning another language other than your mother tongue, is both an intense and consuming activity (...)*¹² que podem ser divididos em: romance, precisão e generalização (tradução nossa)”. Assim, é possível entender as dificuldades da apreensão de conteúdo tanto por parte dos alunos quando se trata de língua estrangeira, quanto dos professores, quando na adequação das estruturas de ensino de LE com relação às novas tecnologias.

2.3 A metodologia e as tecnologias

“Foi muito mais fácil assim. Eu fico confuso quando é no papel”
Aluno do Fundamental II

Entre os meses de março e setembro de 2023 foram analisados os processos de aprendizagem e resultados de alunos inclusivos inseridos entre quatro turmas regulares de sexto e sétimo anos do ensino fundamental II em uma escola da Zona Sul do Rio de Janeiro considerando dois trimestres de avaliação. Ao todo, o número de alunos analisados foi quinze (15) sendo oito (8) do sexto ano e sete (7) do sétimo ano.

Um dos maiores desafios enfrentados pelos professores de Inglês é o de manter uma aula divertida, atrativa, engajadora e que de fato resulte em aprendizado significativo para o aluno. Ao longo dessa jornada de ensino aprendizagem da qual fui aluna por quase oito anos e professora - ainda ativa - percebia que o fluxo da aprendizagem alternativa entre os bimestres/trimestres/períodos ao longo do ano e que isto influenciava diretamente no desempenho final das avaliações e diários das aulas e práticas durante atividades.

O advento da internet tornou o aprendizado mais acessível, permitindo que buscássemos nossas respostas e fizéssemos nossos próprios caminhos e descobertas, e, com

10 A educação deveria consistir na repetição contínua desses ciclos. (tradução nossa).

11 Assim que ele - aluno - chega ao fim do romance o ciclo do crescimento se movimenta entre na criança sobre a atitude para o conhecimento exato. (tradução nossa).

12 “o processo de aprendizagem de uma nova língua além da sua língua materna é tão intenso quanto trabalhoso”.

isso, representantes pedagógicos se viram desafiados à atualização por vezes, espontânea, por vezes, forçada, já que o público-alvo já não era atendido com antigas perspectivas ou abordagens. Desta forma, as plataformas dedicadas ou não ao ensino, auxiliados pela tecnologia saem do senso comum da antiga sala de aula 1.0 ou 2.0 e estimulam o aluno a buscar e procurar por respostas, ampliando sua atmosfera de independência e autonomia a partir do momento que se torna responsável pela aquisição contínua do próprio conhecimento. Em tempo, não se trata de abolir a prática educacional muito menos a função escolar (professor, educador, mediador) e sim, estimular desenvolvimento e interação por parte do indivíduo aluno ser social dentro do ambiente e do aspecto nos quais está inserido. Blake (2008) ressalta como vantagens do uso das tecnologias na sala de aula e seus respectivos resultados passíveis de verificação e observação imediata como:

Researchers frequently cite the computer's usefulness as: (a) a text-based medium that amplifies students' attention to linguistic form (Warschauer 1997b); (b) a stimulus for increased written L2 production (Kern 1995); (c) a less stressful environment for L2 practice (Chun 1998); (d) a more equitable and nonthreatening forum for L2 discussions, (Warschauer 1997a, 1997b); (BLAKE, 2008. p. 4 - 5)¹³

Desta maneira, o processo avaliativo do ambiente escolar analisado sofreu alterações para experimentação das tecnologias durante as aulas e avaliações de Língua Inglesa sendo o *nearpod* o aplicativo selecionado - uma plataforma interativa de produção de atividades que permite aos usuários a criação e o desenvolvimento de conteúdo gamificado.

Até o início de 2023, as avaliações finais dos alunos nesse ambiente escolar eram realizadas em meio físico, ou seja, em provas impressas e adequadas em impressões e formatos de acordo com as necessidades e especificações de cada aluno. Em uma reunião de coordenação a atualização do ensino de inglês na escola se tornou uma pauta insistente e assim, em coletivo, optamos por transicionar, aos poucos as avaliações de meio físico para o meio tecnológico. Ao longo dos três trimestres de 2023 as avaliações foram aplicadas com a utilização da plataforma *nearpod*. Interessante mencionar que, nos alunos avaliados, os alunos inclusivos, o tempo médio de execução das avaliações foi reduzido: enquanto no primeiro trimestre os alunos tomavam os dois tempos de aula e alguns deles utilizavam ainda seu tempo extra de direito, o mesmo não ocorreu durante o segundo trimestre em que o tempo de execução das avaliações sofreu uma redução de, em média, uma hora, e no terceiro trimestre, outra redução, para uma média de trinta a quarenta minutos. Vale ressaltar que os três

¹³ Minha tradução para “Pesquisadores frequentemente citam a utilidade do computador como (a): um texto-básico mediano que amplia a atenção dos alunos para a forma linguística (Warschauer 1997b); (b) um estímulo para a aumentar a produção escrita na L2 (Kern 1995); (c) um meio de estudo menos estressante para a prática da L2 (Chun 1998); (d) um meio mais igual e não amedrontador para as discussões da L2, (Warschauer 1997^a, 1997b)...”; (BLAKE, 2008. P. 5).

instrumentos avaliativos por conceito possuíram um total de dez questões de múltipla escolha, de assuntos variados utilizando conceitos e estruturas apresentadas e estudadas durante as aulas, expositivas e com uso de metodologias ativas (apresentações orais), *mindmaps*, gamificação e aplicativos de jogos, estudo de caso, debates e a aprendizagem baseada na resolução de problemas com uso da tecnologia e da arte, carro-chefe da escola. Todas as avaliações tinham como característica da adaptação, três opções de resposta cada, com as reduções e adaptações realizadas para os alunos inclusivos considerando seus laudos individuais e suas anotações curriculares ao longo do percurso escolar.

Abaixo, seguem os conceitos referentes às avaliações conceituais do instrumento avaliativo *nearpod* sem inclusão de nenhuma nota ou conceito extra, representando apenas o conhecimento dos alunos mediante o processo avaliativo e conteúdo. Para manter a discrição e a identidade dos alunos protegida, identificamos os mesmos por números em ordem crescente.

Nas duas turmas de sexto ano, dos turnos da manhã e da tarde, possuímos a totalidade de 16 alunos inclusivos. Destes dezesseis, nove são do gênero masculino e sete do gênero feminino na faixa etária entre 10 e 12 anos de idade.

ALUNOS	1º TRIMESTRE	2º TRIMESTRE	3º TRIMESTRE
1	A	A	A
2	A	C	A
3	B	B	A
4	B	B	B
5	B	C	A
6	B	C	B
7	B	C	A
8	B	B	A
9	B	A	A
10	B	B	B
11	A	B	B
12	B	A	A
13	B	B	B

14	B	B	B
15	A	A	A
16	A	B	C

É possível perceber por estes resultados que no sexto ano em 2023, cerca de 14,2% dos alunos deixaram a escola por motivos pessoais; 28,5% deles mantiveram os mesmos conceitos ao longo dos três trimestres e 57,12% destes estudantes obtiveram um aumento conceitual significativo entre os trimestres analisados, o que confere um resultado determinante de aproveitamento positivo durante o ano de 2023 em língua inglesa.

Verificando os trimestres das turmas de sétimo ano dos dois turnos, manhã e tarde da mesma escola, foi possível averiguar que:

ALUNOS	1º TRIMESTRE	2 TRIMESTRE	3º TRIMESTRE
1	C	A	A
2	C	B	B
3	B	B	B
4	D	D	D
5	B	B	B
6	A	B	A
7	C	C	B
8	B	C	B
9	B	C	B
10	B	-	-
11	B	C	B
12	C	B	B
13	B	B	B
14	B	-	-

Dentre os 14 alunos de ambas os sétimo anos, sete alunos são do sexo masculino, e sete alunos do sexo feminino. Obtivemos como parecer final a partir dos dados analisados: um

abandono escolar, totalizando 6,25%; uma transferência externa de aluno para o exterior 6,25%; 6 alunos que mantiveram suas graduações nos mesmos conceitos dos trimestres anteriores e um total de 50% representando os sete estudantes que obtiveram um aumento das conceituações e dos conhecimentos adquiridos dentro da aprendizagem de inglês ao longo do ano de 2023.

Tais informações contribuíram solidamente para a defesa de uma educação inovadora, tecnológica, igualitária, acessível e justa aos inclusivos. Promulgar a acessibilidade é dever de todos, mas, principalmente dos ambientes escolares e educadores afim de tornar a aprendizagem leve, fluída, significativa, autônoma e digna, possibilitando aos alunos de inclusão uma participação social maior no ambiente escolar, no aprendizado de línguas e principalmente, a transposição de barreiras sociais que os impediram por muito tempo atingir a independência estudantil e a liberdade educacional.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atuações experimentais e inserção do mundo real presente no cotidiano estudantil dentro da sala de aula vêm se tornando parte importante do novo movimento de ensino desde o início do século XXI. Os anos 2000, por exemplo, foram marcados pelo surgimento de inovações tecnológicas de caráter digital como aplicativos, sites, mídias e redes sociais que projetaram a mobilidade e a agilidade da aquisição e compartilhamento do conhecimento e principalmente do processo de aprendizagem de uma L2. Esses aplicativos, sites e mídias sociais foram aos poucos fazendo parte do dia a dia da sala de aula. Observa-se que não estamos tratando de como usar as tecnologias e sim se são aplicáveis ao ambiente escolar. No mundo fora da sala de aula, alunos e professores já se mantêm conectados por quase 24 horas por dia no Brasil. De acordo com o portal de dados da plataforma CETIC - Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, apoiado pela UNESCO e ligado ao Comitê Gestor da Internet no Brasil - CG - aponta que cerca de 95% da população brasileira entre 9 e 17 anos (faixa etária deste estudo) é usuária de internet e que as plataformas ou aplicativos mais utilizados são o *instagram* com 26% e o *youtube* com 29%.

Isto posto nos levanta questionamentos sobre o uso das tecnologias no aprendizado de inglês: se de todo o contato com a internet, quase 90% do tempo diariamente no Brasil (dados do NIC.br) não seria viável promover um uso mais direcionado ao aprendizado, estimulando os estudantes à utilização também das tecnologias durante parte deste tempo com a intenção de promover interações proveitosas para um novo idioma? Não seria então esta a maneira a

qual Reeves e Nass (1996, apud Blake 2008, p. 5) visualizavam as interações entre alunos, tecnologias e ambiente escolar? “As interações entre pessoas e computadores, televisão e novas mídias são fundamentalmente de natureza social e natural, tal como interações na vida real.” Além disso, as interações com as mídias resultam em claras vantagens quando tratamos da relação aprendizado/tempo:

As interações em rede parecem ajudar a todos os indivíduos frequentando aulas de línguas a se relacionarem mais frequentemente, com confiança maior e mais entusiasmo no processo comunicativo do que normalmente acontece com aprendizes semelhantes em classes presenciais 3. (BLAKE, 2008, p. 3)

Desta forma, as plataformas dedicadas ou não ao ensino, auxiliados pela tecnologia saem do senso comum da antiga sala de aula 1.0 ou 2.0 e estimulam o aluno a buscar e procurar por respostas, ampliando sua atmosfera de independência e autonomia a partir do momento que se torna responsável pela aquisição contínua do próprio conhecimento. Em tempo, não se trata de abolir a prática educacional muito menos a função escolar (professor, educador, mediador) e sim, estimular desenvolvimento e interação por parte do indivíduo aluno ser social dentro do ambiente e do aspecto nos quais está inserido. Logo, Blake (2008) ressalta e resume as vantagens do uso das tecnologias na sala de aula e seus respectivos resultados passíveis de verificação e observação imediata:

Researchers frequently cite the computer’s usefulness as: (a) a text-based edium that amplifies students’ attention to linguistic form (Warschauer 1997b); (b) a stimulus for increased written L2 production (Kern 1995); (c) a less stressful environment for L2 practice (Chun 1998); (d) a more equitable and nonthreatening forum for L2 discussions, (Warschauer 1997a, 199b (BLAKE, 2008. p. 4)¹⁴

Consequentemente, a incorporação da tecnologia constante pode vir a se tornar um recurso vital e imprescindível quanto ao novo ensino 3.0 conforme comentado no capítulo anterior: as plataformas, inúmeras e sempre inovadoras possuem grande vantagem quando comparadas às aulas comuns. E não se trata somente da internet.

Veja bem, conforme detalhado linhas acima, nenhuma tecnologia sobreviveria se não houvesse a mola propulsora para organizar, gerir comandos e fazer uso de suas possibilidades mediante planejamento, reitera Blake: “Again, any activity without adequate pedagogical planning technologically enhanced or not will produce unsatisfactory results with students,

14 Minha tradução: “Pesquisadores frequentemente citam a utilidade do computador como a): um texto-básico mediano que amplia a atenção dos alunos para a forma linguística (Warschauer 1997b); (b) um estímulo para a aumentar a produção escrita na L2 (Kern 1995); (c) um meio de estudo menos estressante para a prática da L2 (Chun 1998); (d) um meio mais igual e não amedrontador para as discussões da L2, (Warschauer 1997^a, 1997b)...”; (BLAKE, 2008. P. 5).

even if it's attractive from a multimedia point of view (e.g., colors, graphics, photos, video, sound)"¹⁵ (BLAKE, 2008, p. 11).

Isto é, não se trata apenas da atualização dos mecanismos de tecnologia que demandam atenção ininterrupta, pois mudam a cada momento e sim também da atualização dos profissionais que destas fazem uso para que os conceitos de aprendizagem estejam atualizados e em níveis positivos de performance e resultados, possibilitando a continuidade do aprendizado pelos discentes e o êxito no trabalho docente pois o ensino é além do que a máquina, o robô ou a revolução tecnológica pode ofertar: ensino é sobre afeto, prática, interação e experiência.

Accordingly, working with technology requires constant updating and continuing education, which can be a very threatening concept for language professionals who are used to concentrating on teaching to established standards (i.e., keeping performance level constant) and achieving dominance of the more literary and prestigious registers of their respective world language. (BLAKE, 2008, p. 13)¹⁶.

A tecnologia requer, portanto, atualização a cada momento, bem como a avaliação da performance tanto do educador quanto do aluno (nativo digital) para que o desenvolvimento do ensino aprendizagem ocorra de maneira fluída e natural.

CONCLUSÃO

Em vista dos indicadores abordados neste artigo, é importante considerar que o passado continua a afetar o presente indubitavelmente e que a cada momento novas formas de tecnologia surgem em um mundo no qual há “um computador para cada um”. Cada sujeito que nasce hoje, nasce como um nativo digital e inserido em variedades tecnológicas muito maiores do que os sujeitos das gerações anteriores. Desmo modo, a vida e a educação seguem para novas trajetórias no letramento tecnológico. Cada sala de aula, cada troca, cada experiência são partes do fluxo múltiplo e intenso das descobertas tecnológicas que auxiliam a todos no processo de adaptação, preparação, pesquisa, desenvolvimento, seleção e captação do conhecimento, disponibilizando a qualquer momento e sob qualquer condição o contato direto com o aprendizado.

Reconhecemos que “ninguém pode aprender sem uma atividade intelectual, sem uma mobilização pessoal” e que, o professor “não produz o saber no aluno” (CHARLOT, 2005,

15 Tradução: “E novamente, qualquer atividade sem planejamento pedagógico adequado tecnologicamente melhorado ou não produzirá resultados insatisfatórios com os alunos, mesmo que atrativo pelo ponto de vista multimídia (exemplo, cores, gráficos, fotos, vídeos, som). (BLAKE, 2008, p. 11).

16 Tradução: “ Desta forma, trabalhar com tecnologia requer atualização constante e formação continuada, da qual pode se tornar um conceito para profissionais de língua bem ameaçador pois estes concentram seus ensinamentos em conceitos padrão (como manter o nível de performance constante) atingindo dados e registros formais demais para o mundo linguístico e oral.” (BLAKE, 2008, p. 13).

p.76), hoje os saberes são encontrados pelos próprios alunos, em diversos meios, de diversas maneiras, e que a função do professor é manter o interesse e o estímulo, interagindo como um mediador entre os alunos, o conhecimento e as tecnologias que auxiliam o processo de ensino-aprendizagem, tornando-o muitas vezes mais fluído, prático, divertido e principalmente democrático e acessível, pois não há mais espaço para o engessamento - apenas para a realidade e os contextos reais dos envolvidos que tornam os estudantes mais confiantes para buscar, aprender e posteriormente trocar informações sobre seu aprendizado com outros: assim se formam aprendizes, se capacitam seres sociais e críticos, prontos para refletir sobre suas buscas e práticas ativamente e não somente com o intuito de validar repetições infundáveis de estruturas sem propostas significativas de conhecimento e aprendizagem repetidas durante tantos anos em espaços escolares e não escolares de ensino de língua inglesa..

BIBLIOGRAFIA

BLAKE, Robert J. *Brave new digital classroom*. Georgetown University Press. Washington, D.C. 2008.

BROWN, H. Douglas. *Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy*. Pearson/Longman. San Francisco State University. 2007.

DAY, Kelly. *Ensino de Língua Estrangeira no Brasil: entre a escolha obrigatória e a obrigatoriedade voluntária*. Revista Escrita. Rio de Janeiro. 10.17117. p. 1 - 13. 2012.

KALANTZIS, M. & Cope, B. *Literacies* Cambridge: Cambridge University Press.(2012)

CHARLOT, Bernard. *Relação com o saber, formação dos professores e globalização*. Artmed. Porto Alegre. 2005. Cap. 4. p. 75 – 87.

MACDONALD, Janet. *Blended Learning and Online Tutoring: planning learner support and activity design*. Gower. Great Britain. 2008.

MACHADO, Rachel, CAMPOS, Ticiania R. de, SAUNDERS Maria do Carmo (Brasil). *História do Ensino de Línguas no Brasil: avanços e retrocessos*. 2007. Disponível em: <http://www.helb.org.br/index.php/revista-helb/ano-1-no-1-12007/98-historia-do-ensino-de-linguas-no-brasil-avancos-e-retrocessos>. Acesso em 21 jul. 2023.

MENEZES DE SOUZA, Lynn Mario. *Formação Desformatada: práticas com professores de língua inglesa*. Pontes. 2011.

PRENSKY, Marc *Digital Natives, Digital Immigrants*. Disponível em: <https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Último acesso em: 8 mar.2018



SILVA, Simone Batista da. Da técnica à crítica: os letramentos críticos na formação de professores de Inglês. BREJO. Porto Alegre. 2012.

WHITEHEAD, Alfred N. The aims of education: and other essays. The Free Press. New York. 1929.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Artmed. Porto Alegre. 1998. Cap. 8. p. 195 – 219